



Quinta-feira  
30 de Abril de 1992

Ano VII — N.º 176  
Preço: 50\$00

Director:  
Abílio Peixoto

A VOZ DAS GENTES  
DE ENTRE HOMEM  
E CÁVADO

## Centristas e socialistas de Amares fazem balanço à gestão da Câmara

Centristas e Socialistas de Amares fazem balanço à gestão da Câmara

As concelhias do Partido Socialista e do CDS de Amares fizeram um balanço à gestão da Câmara Municipal — e em comunicado conjunto sublinharam o clima de estabilidade e entendimento de

ambas as partes no governo da autarquia.

As duas comissões políticas reconheceram também a necessidade do recurso ao crédito bancário para a conclusão de uma série de obras essenciais ao desenvolvimento do concelho de Amares.

## Abandonar idosos à solidão é uma forma de os submeter a maus tratos

— o alerta de um médico



Página 3

## Portugal tem 12,5 por cento dos pobres da Comunidade Europeia

Portugal tem 12,5 por cento dos pobres da Comunidade Europeia, refere um documento da organização não-governamental «Oikos — Cooperação e Desenvolvimento».

A Oikos cita como fonte da percentagem um estudo recentemente efectuado pela comunidade em 11 dos países-membros (excluindo o Luxemburgo).

Segundo as mesmas fontes, a Espanha tem 20,9 por cento dos pobres da comunidade, o Reino Unido 20,4 por cento, a Itália 15,2 por cento, a França 14,2 por cento, a Alemanha 10,1 por cento, a Grécia 3,7 por cento, a Irlanda 1,4 por cento, a Holanda um por cento, a Bélgica e a Dinamarca 0,7 por cento.

A Oikos salienta entretanto que o crescimento económico que se registou nos últimos anos em Portugal «contemplou uma larga faixa da população, constituída, na sua maioria, por jovens e idosos.

Destaca que os jovens que se preparam para entrar na vida activa «deparam com barreiras quase intransponíveis que, muitas vezes, os atiram para situações de marginalidade, o que agrava ainda mais a precaridade da sua situação social».

Considera que os idosos que auferem pensões muito baixas são, talvez, «as maiores vítimas da deficiência dos sistemas de segurança social existentes no país».

«Em Portugal é ainda muito notória a diferença entre a riqueza e o empobrecimento de largas camadas da população», salienta a Oikos, citando o sociólogo João Leal.

Este aponta como causas dessa diferença em crescimento económico «que não teve em linha de conta as especificidades próprias de um país saído de um longo período de isolamento e que tem ainda as taxas mais elevadas de analfabetismo da Europa».

## O funcionamento de discotecas

Ninguém ignora que as chamadas discotecas e similares casas, ditas de diversão dão cabo da vida de muitos jovens, rapazes e raparigas. Não apenas no aspecto material, com o que por lá se gasta, subtraído tantas vezes aos pais e familiares (e até o que seria destinado a pagamento dos estudos), mas sobretudo pelos descaminhos que, a partir daí, se processam, em velocidade quase imparável.

Repetimos: ninguém certamente ignora isto. Contudo, os pais deixam correr e as autoridades fecham os olhos, desde que estejam (quando estão!) em ordem licenças e demais burocracia. E assim a nossa juventude, com placência silenciosa dos responsáveis, continua a averredar por caminhos tortuosos, que facilmente levam à imoralidade, à droga, à prostituição, à marginalidade, etc.

De vez em quando, surge um grito de alerta, geralmente quando uma situação concreta atinge os foros do intolerável. Mas são casos raros.

Hoje, queremos sublinhar a atitude do Governador Civil de Braga, que recentemente determinou que as discotecas do seu distrito só podem funcionar entre as 7 da tarde e as 4 da manhã. Isto porque muitas Escolas e Associações de pais se queixaram de que meninos e meninas não punham os pés nas aulas, de bom grado trocadas por «digressões» pelas discotecas.

Mas também neste caso há «espírito de contradição». A Câmara Municipal da mesma Cidade dos Arcebispos, invocando razões de ordem turística, «decretou» que as discotecas poderão estar abertas até às 6 da manhã. Enfim, uma divergência ou teimosia que só poderá servir para alimentar «guerrilha doméstica».

Seja qual for o desfecho, louvor para o Governador de Braga, que teve pelo menos o mérito de ser sensível às razões invocadas por sectores responsáveis, ligados aos difíceis problemas de educar, hoje.

(De «Igreja Viseense», n.º 23)

EM 1990 E 1991

## Acidentes rodoviários aumentaram 12,8%

Os acidentes rodoviários em Portugal aumentaram 12,8 por cento entre 1990 e 1991, o que resultou num aumento do número de mortos de 6,8 por cento.

Os dados constam do relatório de actividades da Prevenção Rodoviária Portuguesa (PRP) sobre o ano de 1991 e demonstram que «os índices de sinistralidade continuam a ser preocupantes».

O balanço, feito com base em informações da PSP e GNR, aponta para um total de 112.195 mil acidentes no ano anterior, «situação dramática» que causou 69.889 feridos e 2.617 mortos.

O documento compara ainda os registos relativos aos últimos cinco anos, concluindo que houve cerca de mais de 38 mil acidentes em 1991 do que em 1987.

Quanto ao número total de feridos e mortos houve, respectivamente, mais 14.275 e 266 no ano passado em comparação com 1987.

Os dados justificam, para a prevenção rodoviária nacional, a necessidade de «fortalecimento de campanhas e acções», destinadas a sensibilizar a população para a sinistralidade rodoviária.

A PRP, uma entidade com o estatuto de associação privada, tentou por isso contribuir para a melhoria da situação.

Acções pedagógicas para alguns milhares de alunos do Ensino Básico e Primário, programas de sensibilização e formação dos professores, fornecimento de materiais didáticos, lançamento ou continuação de concursos para jovens, foram algumas das iniciativas da PRP.

A associação desenvolveu ainda campanhas de prevenção rodoviária dedicadas ao civismo na estrada e ao álcool e condução, além de colaborar na campanha de apoio ao emigrante que decorreu no Verão de 1991.

Os acidentes rodoviários em Portugal em 1991 representaram um custo de 430 milhões de contos para o país, disse em Lisboa o presidente da Prevenção Rodoviária Portuguesa (PRP).

António Jervis Pereira, que falava no Clube de Jornalistas para anunciar a institucionalização de um prémio de segurança rodoviária em 1993, salientou que em Portugal, em 1991, verificaram-se 122.195 acidentes rodoviários, tendo morrido 2.617 pessoas, e tendo ficado feridas 69.889.

«Esta numérica contestação, uma infeliz realidade mostra bem, como para além dos óbvios e dramáticos problemas sociais que se encontram inerentes aos acidentes, o seu custo económico é fabuloso, especialmente para um país que não é rico», sublinhou Jervis Pereira.

# a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

**Quinzenário regionalista e independente**

DIRECTOR

Dr. Abílio Peixoto

DIRECTOR-ADJUNTO

Dr. Francisco Alves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Santa Maria de Bouro

4720 AMARES

Telefone (053) 37197

PROPRIETÁRIO

Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453 / 86

COMPOSTO E IMPRESSO EM:

COMPOLITO — Serviços de Artes Gráficas, Lda.

Rua Nova de Santa Cruz, n.º 70

4700 BRAGA — Telef. 676857

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00

NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL:

3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

## a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.

Faça dos seus Amigos assinantes de «A Voz da Abadia» — enviando-nos, devidamente preenchido, este cupão.

NOME: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

MORADA: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura Anual (1.200\$00) .....

Assinatura bi-anual (2.400\$00) .....

Assinatura de Benfeitor ( ) .....

Renovação da Assinatura (Anos: ) .....

**Nas páginas**

**deste jornal**

**o seu nome**

**nunca fica mal...**

**Por isso anuncie**

**n' A VOZ DA ABADIA**

# Os Sinos

— **Convocar a assembleia e exprimir os sentimentos do povo**

Assim esclarece o Ritual das Bênçãos, de 1984, no capítulo XXXIII n.º 1142: «Existe o costume antigo de convocar o povo cristão para a assembleia litúrgica e avisá-los dos principais acontecimentos da comunidade local por meio de algum sinal ou som. Tal é o papel específico dos sinos. Com efeito, tocar o sino é, de alguma maneira, exprimir os sentimentos do povo de Deus, quando este povo exulta ou chora, dá graças ou suplica, se reúne e manifesta o mistério da sua unidade com Cristo».

As transformações culturais e o primeiro impacto da renovação conciliar criaram um ambiente psicológico de desafecção aos sinos. A tendência foi emudecerem, progressivamente, a começar pelos centros urbanos. Aduziram-se diversos motivos, desde a perturbação sonora até à afirmação triunfalista e expressão de um regime de cristandade. Por ironia do destino, precisamente nos meios urbanos, onde os sinos começaram a ouvir-se me-

nos, aumentou consideravelmente a poluição sonora, essa sim, gravemente prejudicial às nossas faculdades auditivas. No ambiente sonoro das nossas cidades, vilas e aldeias não faltam as convocatórias e os anúncios para manifestação e campanhas de todo o género e com os meios mais potentes de produção sonora.

O uso de objectos metálicos para convocar a comunidade e assinalar a festa é muito anterior ao cristianismo. A partir do séc. V e VI aparecem as torres sineiras adocadas ou separadas das igrejas, conjugando, ao mesmo tempo, o sinal óptico e acústico. O primeiro campanário que se conhece é o Santo Apolinário, em Ravena. Os mosteiros e santuários desempenharam, sem dúvida, um papel importante na difusão dos sinos para convocar os monges e fiéis.

Chamar para a assembleia. O sino desempenha uma função comunitária que não perdeu o seu valor. Anuncia a hora da Assembleia, avisa os retardatários e os

faltosos, é sinal para os impedidos (doentes), pondo-os em sintonia com a comunidade. Além disso, comunicam e exprimem as mensagens de dor e luto, esperança e consolo, alegria e festa.

Ao longo do dia, lembram-nos a oração pessoal e são um sinal de espiritualidade no meio de uma sociedade consumista, agitada por valores efémeros, esvaída pelo afã do imediato. O toque dos sinos fala-nos da transcendência da vida e da direcção vertical da nossa história.

Dentro da igreja, na celebração, foi costume tocar, em alguns momentos, uma campainha. Esta praxe é também anterior ao cristianismo e poder-se-á ver eco dela no Antigo Testamento (Ex. 28, 33-35; Eclo 45, 9). A Instrução Geral do Missal Romano prevê a possibilidade do seu uso antes da consagração e à elevação (cf. I.G.M.R. 109). Embora seja facultativo, o seu uso poderá permitir a indicação do momento em que a assembleia deve ajoelhar e

não deixa de ser elemento sonoro a enriquecer a celebração.

Ao benzer os sinos, o ministro diz: «faz que todos os teus filhos, ao ouvir a sua voz, elevem para Vós os seus corações e, partilhando as alegrias e penas dos irmãos, se encaminhem para a igreja, onde sintam Cristo presente, escutem a sua palavra e exponham os seus desejos». Ou como diz uma antiga e eloquente inscrição: «A minha voz é a voz da vida, chamo-vos para a celebração, vinde. Louvo o Deus verdadeiro, convoco o povo, reúno o clero, choro pelos defuntos, afugento a tempestade, dou brilho à festa».

Com o seu som penetrante e repousante, desprezioso e solene, os sinos prestam um serviço humilde e indispensável à comunidade e à sociedade. Não quisemos referir a simulação dos sinos (registo magnético).

S.D.L.

«Voz Portucalense»

29-XI-1990

## OPINIÃO

# Afinal, o que é o Tratado de Maastricht?

Toda a gente por aí fala nisto. Os nossos políticos discutem uns com outros e uns estão prontos para votar a favor, e outros para votarem contra este tratado comunitário.

Mas, afinal, você, caro leitor do A Voz da Abadia, conhece bem este tratado? O que é a C.E.E. e o que vai ser a U.E. (União Europeia) a partir do dia 1 de Janeiro de 1993?

Não é minha intenção, nem de forma alguma pertendo alcinhar-vos de ingénuos mal formados ou mal informados; mas somos obrigados a ver tudo e saber de tudo que nos diz respeito, e que até por vezes devemos pagar caro por inerência dos nossos conhecimentos.

O Tratado de Maastricht, foi um entendimento negociado a alto nível pelos representantes governamentais dos 12 países que formam a actual Comunidade Económica Europeia; a saber: que, a partir do primeiro de Janeiro de 1993, esta C.E.E. será transformada numa Confederação, onde cada país guarda a sua autonomia social, cultural e política, mas muitas das nossas riquezas naturais, económicas, comerciais e monetárias, serão compartilhadas, etc., de acordo com as necessidades de cada um dos seus membros federados, e tendo em linha de conta qualquer tratado.

Há naturalmente muita gente que duvida deste acordo que transformará a CEE em U.E., e essa dúvida é proveniente das poucas informações que possuem, e também os nossos «polítiques» não nos dizem o que é tudo isto.

Estes dias veio ao Concelho de Amares o Chefe do Partido CDS, Dr. Manuel Monteiro, e, durante a conversa que tivemos, este foi um assunto de fundo, e digamos de passagem que este jovem político sabe o que diz, sabe para onde vai, e sabe o que quer; mas não me convenceu,

no caso de haver um referendo a nível nacional, a votar NÃO!

O Dr. Monteiro do CDS tem muita razão em pensar assim, porque na verdade não sei se deveremos confiar nestes políticos que Deus nos deu, mas uma coisa é certa: a união faz a força e este comércio da U.E. é hoje um dos maiores comércios do mundo, com uma população superior a 350 milhões de consumidores e um território também superior a 2 milhões e cinquenta mil km<sup>2</sup> de superfície, pois inclui Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Holanda, Itália, Irlanda, Luxemburgo, Inglaterra e Portugal.

Para fazermos parte desta União Europeia não vejo razões para um referendo ou uma consulta ao povo.

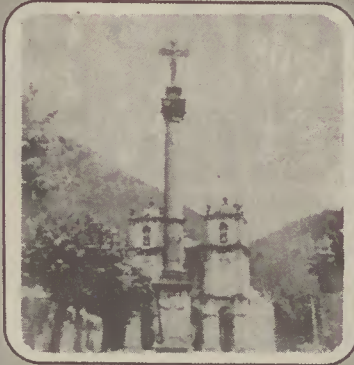
Devo dizer o seguinte: em 1974 mudaram-nos o sistema político, fizeram descolonizações, deram-se e venderam-se terras por esse mundo fora, impuseram-nos uma Constituição socialista-comunista, meteram-nos na CEE, etc., etc., sem referendos nem outras consultas. Assim, por que razão se vai agora fazer um referendo?!...

Quanto ao Dr. Manuel Monteiro, chefe até muito prestigiado do CDS, e muito simpático jovem, deixou-me as melhores impressões, não só como ser humano, mas como um futuro Primeiro Ministro de grande calibre, bem idêntico ao actual Prof. Dr. Cavaco Silva, pois vejo neste homem a alternativa ao actual Governo, e talvez mais depressa do que muitos podem pensar...

Eu apareci nesse almoço como muitos outros que nada tinham a ver com o CDS; foi, sim, por curiosidade — e valeu bem a pena, porque me encontrei ali com gente de outros partidos e ficaram deveras impressionados com este jovem político de 30 anos, que vai com certeza ser o futuro de Portugal...

Manuel Teixeira

# PELO SANTUÁRIO



## PROMESSAS

No mês de Março, cumpriram as suas promessas a Nossa Senhora da Abadia:

Amélia Vieira da Silva ..... 5.000\$00  
 Marinha Antunes Martins (Sta. Isabel do Monte) ..... 2.000\$00  
 Augusto de Azevedo Esteves e a esposa,  
 (Vilela, Amares) ..... 1.500\$00  
 Maria Alice Silva Rodrigues (Parada de Bouro) ..... 500\$00  
 Isaura de Jesus da Silva, Paçô, Valdozende, deu a Nossa Senhora da Abadia, duas arrecadas de ouro, que lhe tinha prometido.

Nas caixas das esmoladas entraram as seguintes promessas anónimas: 4 de 10.000\$00; 2 de 2.000\$00 e 45 de 1.000\$00.

## OFERTAS RECEBIDAS EM MARÇO

António Ramalho Dias, Austrália, mandou cem dólares para pagar a assinatura de «A Voz da Abadia» de 1991 e 1992 e o que sobrou ofereceu-o para Nossa Senhora.

António de Castro Vieira, proprietário da «Electro Anca-vi», de Braga fez a electrificação da 4.ª sala do Museu de Nossa Senhora da Abadia e os setenta e um mil e cem escudos (71.100\$00) que ela custou, ofereceu-os para Nossa Senhora.

## MAIS PROMESSAS

No mês de Abril vieram cumprir promessas a Nossa Senhora da Abadia:

Maria de Lurdes Macedo (Luxemburgo) ..... 6.000\$00  
 Anónima ..... 3.911\$00  
 Cecília de Sousa Antunes Fernandes  
 (Arcos, Rendufinho) ..... 2.500\$00  
 Teresa Afonso de Almeida  
 (Paradela de Frades, Bouro (Sta. Maria) ..... 500\$00

A caixa que está aos pés da imagem de Nossa Senhora, tinha estas promessas anónimas: uma de 50.000\$00; 3 de 5.000\$00 e 25 de 1.000\$00; esta é a da tribuna noutra do Santuário, estava uma promessa de 700 frs franceses.

## OFERTAS

Ofereceram a Nossa Senhora, para as despesas do culto e para o Santuário:

Manuel Barbosa Pereira, Bouro, (Santa Marta) ..... 1.000\$00  
 Maria Alice Dias Fernandes (Parada de Bouro) ..... 1.000\$00  
 João A. Pereira, deu para o órgão electrónico ..... 5.000\$00

João Manuel Gonçalves Martins, proprietário do lagar de azeite de Goães, Amares, ofereceu 35 litros de azeite para a lâmpada do SS. Sacramento.

«Deves viver a tua vida. E se  
 queres chegar à felicidade deves  
 conquistá-la. Ninguém pode fazer  
 isso por ti».

Baden-Powell

## SERVIÇO RELIGIOSO NO SANTUÁRIO de N.ª S.ª DA ABADIA

### SANTA MISSA

• Dias úteis (Segunda a Sexta-feira) ..... \* 7.30 horas  
 • Sábados (Missas Vespertinas)  
 Inverno (Novembro a Março) ..... \* 17.30 horas  
 Verão (Abril a Setembro) ..... \* 18.30 horas

• Domingos e Dias Santos  
 Inverno (Novembro a Março) ..... \* 11 horas  
 \* 16 horas  
 Verão (Abril a Setembro) ..... \* 9.30 horas  
 \* 11.30 horas  
 \* 17 horas

### CONFISSÕES

• Segunda a Sábado ..... \* Das 7 h. às 7.30 h.  
 \* Das 8 h. às 8.30 h.

• Terça-Feira  
 • Quarta-Feira  
 • Primeiras Sextas-Feiras } ..... \* Toda a Manhã

• Sábados, Domingos e Dias Santos ..... \* Antes da preparação das Missas e depois das Missas oficiais.



Às Quintas-Feiras, o Capelão não está

O número de Telefone do Capelão é o 371197



# Valor e perigo da comunicação social

Deve reservar-se uma palavra para este capítulo tão importante na vida moderna. É mais que sabido que os instrumentos de comunicação social «influem e muitas vezes profundamente, quer sob o aspecto afectivo e intelectual, quer sob o aspecto moral e religioso, no espírito de quantos os usam», especialmente dos jovens. Podem ter um influxo benéfico sobre a vida e os costumes da família e sobre a educação dos filhos, mas escondem também «insídias e perigos consideráveis», e poder-se-ão tomar veículo — às vezes hábil e sistematicamente manobrado como infelizmente acontece em vários países do mundo — de ideologias desagregadoras e de visões deformadas da vida, da família, da religião, da moralidade, que não respeitam a verdadeira dignidade e o destino do homem.

Perigo tanto mais real, dado que «o modo actual de viver — principalmente nas nações mais industrializadas

— leva bastantes vezes as famílias a descarregarem-se das suas responsabilidades educativas, encontrando na facilidade de evasão (representada, em casa, especialmente pela televisão e por certas publicações) o meio de terem ocupado o tempo e as actividades das crianças e dos jovens». Daqui «o dever... de proteger especialmente as crianças e os jovens das «agressões» que sofrem por parte dos mass-media», procurando usá-los em família de modo cuidadosamente regrado. Assim também deveria ser preocupação da família encontrar para os seus filhos outros divertimentos mais saudáveis, mais úteis e formativos física, moral e espiritualmente, «para preencher e valorizar o tempo livre dos jovens e orientar as suas energias».

Já que os instrumentos de comunicação social — ao mesmo tempo que a escola e o ambiente — influem muitas vezes notavelmente na formação dos filhos, os pais, en-

quanto utentes, devem constituir-se parte activa no seu uso moderado, crítico, vigilante e prudente averiguando qual a repercussão nos filhos e exercendo mediação orientadora para «educar a consciência dos filhos na expressão de juízos serenos e objectivos, que depois, guiem na escolha e rejeição dos programas propostos».

Com idêntico interesse, os pais procurarão influir na escolha e na preparação dos programas, mantendo-se — com iniciativas oportunas — em contacto com os responsáveis dos vários momentos da produção e da transmissão para se assegurarem que não serão abusivamente postos de lado ou expressamente menosprezados os valores humanos fundamentais que fazem parte do verdadeiro bem comum da sociedade; que, pelo contrário, sejam difundidos programas aptos a apresentar, na sua verdadeira óptica, os problemas da família e a sua adequada solução. A tal propósito o meu

predecessor, Paulo VI, escrevia: «Os produtores devem conhecer e respeitar as exigências da família, o que supõe, por vezes, uma grande coragem e sempre um alto sentido de responsabilidade. Com efeito, devem evitar tudo o que possa lesar a família na sua existência, na sua estabilidade, no seu equilíbrio, na sua felicidade. A ofensa aos valores fundamentais da família — trate-se de erotismo ou de violência, de apologia do divórcio ou de atitudes anti-sociais dos jovens — é uma ofensa ao bem verdadeiro do homem».

E eu mesmo, em ocasião análoga, fazia notar que as famílias «devem poder contar não pouco com a boa vontade, rectidão e sentido de responsabilidade dos profissionais dos meios de comunicação social: editores, escritores, produtores, directores, dramaturgos, informadores, comentadores e actores.

João Paulo II, («Familiaris Consortio»); n.º 76.

## O ALERTA DE UM MÉDICO:

### Abandonar idosos à solidão é uma forma de os submeter a maus tratos

Abandonar idosos à solidão é uma forma de os submeter a maus tratos

Abandonar um idoso à sua solidão é uma forma passiva, e muitas vezes inconsciente, de o submeter a maus tratos, alerta o médico Samuel Ribeiro.

Num artigo inserido no último número da revista «Saúde e Lar», de que é director, o clínico começa por salientar a necessidade de conveniência social de todos os seres humanos, recordando depois que muitos idosos são abandonados em asilos ou lares da terceira idade «como objectos indesejáveis, separado do resto do mundo».

«Outros ficam isolados nos seus lares sem apoio de ninguém, sem uma visita, sem uma carta ou outro gesto de solidariedade que lhes dê uma razão para continuar a viver. Outros ainda, vivendo com família, são constantemente marginalizados, desprezados e até maltratados. A sociedade de hoje raras vezes compreende como necessita dos idosos».

Cita um médico norte-americano, Toshio Tatara, que considera que os abusos cometido sobre as pessoas de idade são «um dos problemas sociais menos conhecidos e menos relatados».

Samuel Ribeiro adianta como justificação para este desconhecimento, o facto da maior parte dos idosos ter vergonha de dizer que a sua família o maltrata.

Enumera como maus tratos impostos aos idosos, a exploração financeira, a violência verbal, a agressão física, a negligência na sua alimentação, medieval e na administração de outros cuidados.

Salienta que estas situações não se constata apenas em agregados familiares desequilibrados mas que podem também surgir em «famílias simplesmente apressadas, dominadas pelas cargas da vida de hoje».

# PADARIA UNIVERSAL

De António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

FABRICO E VENDA DE PÃO ESPECIAL AOS DOMINGOS PARA TORNAR O SEU ALMOÇO MAIS APETITOSO O PÃO É O MELHOR E MAIS BARATO DOS ALIMENTOS PREFIRA O DA PADARIA UNIVERSAL

TELEFONE 66125  
 SANTA MARIA DE BOURO — AMARES

## EM POUCAS LINHAS

### Cólera regista no Mundo 128.638 casos e 1.279 mortes

A Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou que até agora se registaram no mundo 128.638 casos de cólera, com 1.406 mortes, contra 110.744 casos e 1.279 mortes até ao passado dia 9.

De um total de 9.445 casos e 694 mortes em África, couberam a Moçambique 3.251 casos e 28 mortes e a Angola 161 casos e 3 mortes.

O continente mais afectado pela epidemia de cólera, segundo as estatísticas da OMS, é o americano, onde se registaram até agora 119.079 casos e 711 mortes, com o Peru em primeiro lugar, com 93.136 casos e 328 mortes.

Na Europa, o único caso assinalado, na Suíça, foi importado.

### Acidente nuclear de Chernobyl custou entre seis mil e oito mil vidas

O Ministro ucraniano para a Limpeza de Chernobyl, Georgy Gotocvhits, afirmou durante uma cerimónia evocativa do acidente nuclear de 26 de Abril de 1986 que este já matou entre 6 mil e 8 mil ucranianos.

As estatísticas oficiais registam apenas 32 mortos, mas os cientistas e os políticos admitem que as vítimas possam chegar a 10 mil.

O Governo ucraniano anunciou o lançamento de um concurso para encontrar a melhor maneira de conter a radioactividade dentro do «túmulo» e aço e betão lançado sobre o reactor acidentado.

Chernobyl continua a operar três reactores nucleares, mas um incêndio registado em Outubro na cobertura do reactor número dois levou as autoridades a anunciar o encerramento da central em 1993.

### Vila Verde «À Luz da Candeia»

A Associação Etnográfica de Vila Verde iniciou a publicação de «À Luz da Candeia», uma publicação bimensal de distribuição gratuita.

Dirigido por Carlos Manuel de Sousa Braga, este primeiro número, referente a Março/Abril, dá particular relevo ao programa de actividades da Associação.

Em editorial faz-se o elogio do folclore e convidam-se os ranchos ou grupos etno-folclóricos a mostrarem que ele não é uma manifestação ultrapassada.

# «AFURNA» contesta Plano de Ordenamento do Parque

Em documento entregue ao Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN), a Associação dos Proprietários do Parque da Peneda-Soajo-Amarela-Gerês (Peneda-Gerês), juntamente com a Furna- Associação dos Antigos Habitantes de Vilarinho da Furna, contesta a proposta do Plano de Ordenamento para o Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG).

No texto, e embora reconhecendo a necessidade de um Plano de Defesa do PNPG, há muito esperado, as duas associações, dizem não poder deixar de «se opor a mais este atentado contra os legítimos direitos das populações, autêntica provocação aos povos que aí habitam, os únicos que até hoje criaram e mantiveram as condições para um Parque Nacional no nosso país».

Além do mais, — acrescentam — «tantas e tais são as proibições contidas nessa proposta de Plano de Ordenamento que mais parece um regulamento, saído de mente tortuosa, para um

eventual campo de concentração».

Embora os objectivos propostos no referido Plano de Ordenamento, correspondam, grosso modo, aos objectivos constantes do diploma de criação do PNPG, eles foram negados, na prática, durante os seus 21 anos de existência, cujas sucessivas direcções fizeram exactamente o contrário do preconizado».

Assim, a Associação dos Proprietários diz que «nenhum crédito nos merece a nova declaração de intenções, como acaba de ser confirmado com a total e vergonhosa passividade dos responsáveis pelo PNPG perante a construção das barragens de Touvedo e Alto Lindoso, em pleno coração do Parque, apesar de constituírem o maior desastre ecológico verificado em Portugal nas últimas décadas».

Por isso, — garantem — «não permitimos nenhuma das propostas apresentadas pelo SNPRCN, no mencionado Plano de Ordenamento, sem uma correcta reformulação e uma conveniente compensação às

populações, a negociar por contrato, como aliás, está legalmente previsto. E, além do mais, para evitar as habituais arbitrariedades, exigimos a representação dos proprietários do Parque-Gerês em todos os órgãos do PNPG. Com votos para que haja o suficiente bom senso por parte das entidades oficiais competentes para não acabarem definitivamente com o Parque Nacional da Peneda-Gerês!... Preferimos terminar, de uma vez por todas, com a nefasta gestão estatal do nosso Parque», ameaça aquela associação a terminar.

### ÁRVORES ESPECULATIVAS

Entretanto e a propósito da compra de árvores, a direcção da Associação dos Proprietários diz «o Parque adquiriu recentemente 32.500 árvores, a preço unitário de 50\$00 cada, no que terá gasto 1.625 contos».

E adianta: «Ora, como o Plano de Acção Florestal (PAF) não permite orçamentar cada planta por preço superior a 20\$00, o que daria um custo

total de 650 contos, facilmente se conclui que o PNPG pagou 975 contos a mais, o que constitui, no mínimo, um custo altamente especulativo, da ordem dos 150% superior ao preço legal estabelecido».

Para aquela associação «isto afigura-se-nos tanto mais grave quanto as notícias que precederam a entrega das referidas plantas ao PNPG sempre referiram que se tratava de uma oferta por parte de uma Associação que, além do mais, havia recolhido gratuitamente a generalidade das sementes e ramos dessas plantas na Peneda-Gerês».

E acrescenta: «Mas, pior ainda, foi a plantação ser feita ilegalmente em terrenos de proprietários particulares de Vilarinho da Furna, de que esta Associação é procuradora, nomeadamente na Bouça da Mó. Tudo isto apesar de o PNPG ter sido devidamente notificado antes para se abster de toda e qualquer intervenção na referida propriedade, e os seus antecessores já haviam até sido condenados em tribunal, por abuso semelhante».

## A estrada Rendufe - Terras de Bouro

Nós, Portugueses, somos efectivamente um povo com imensas qualidades — sem dúvida alguma! — hospitaleiros, simpáticos, trabalhadores... enfim, seria exaustivo numerar aqui todos os adjectivos que nós próprios protagonizamos numa Europa, dizem, desenvolvida. Afinal, já estamos na C.E.E.!!

É verdade! Tudo isto se revela lisonjeiro e, por que não dizer, torna-se motivo de orgulho para o «nosso» Portugal «à beira-mar plantado»! Mas... há sempre um «mas», que infelizmente, entre nós, é uma constante:

— Onde está o nosso civismo? A protecção do nosso meio ambiente? De nós próprios?

Francamente, devem estar em algum local tão submerso que ninguém os consegue vislumbrar!! Talvez estejam nos buracos «maravilhosos» que as nossas estradas nos «fornecem» diariamente; ou (quem sabe?) nos montes de lixo que vemos nos nossos espaços verdes; ou até nas «conduções à Rally» que tanta gente faz questão de evidenciar!

Ah! «Eureka!» Pode ser que estejam na estrada de Rendufe-Terras de Bouro, ou no «verde sujo» do Gerês... Não!! Devo estar equivocada! A Junta Autónoma das Estradas e os senhores Presidentes das respectivas Câmaras acima indicadas, com entidades europeias, jamais terão experimentado passar com os seus bons carros, pelo menos há cinco anos para cá, por esses lados! Se o tivessem feito, as suspensões dos seus carros estragaram-se-iam um pouco... e, diga-se de passagem, que os impostos que os Portugueses pagam não davam para fazer tal «sacrifício público»!!!

Termino, pedindo encarecidamente a Vossas Excelências que, se não acharem do bom tom arranjar a estrada supra-referida, pelo menos, rogo-vos humildemente: passem todos os dias com os vossos carros por lá, estraguem-nos, sejam democratas! Afinal, vivemos num País dito democrata, não é?!

Cláudia Souto de Campos  
(Em «DM», 25.4.92)

*Fernando*

OCULISTA

ESTABELECIMENTO  
COM  
TÉCNICO QUALIFICADO  
EM  
ÓPTICA OCULAR

\*

Rua do Souto, 23

(Junto à Casa das Louças)

Telefone 27703  
4700 BRAGA



**FÁBRICA  
DE FATOS  
CASACOS  
CALÇAS**

*de alta categoria!*

**À venda nos bons estabelecimentos**

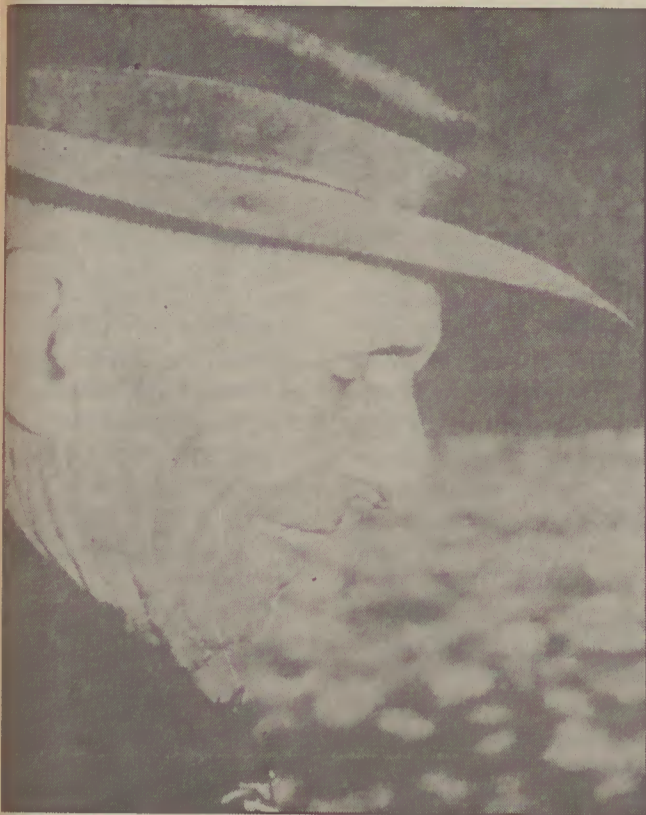
PONTE DOS FALCÕES  
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210  
TELEX 32288 FACHO

JOSÉ GAIO AO «SINAL»

# O livro fui eu que o fiz...

**É uma das raras legendas vivas de Terras de Bouro: toda a comunidade o conhece e o respeita, muitos e muitos já recorreram ao conforto e à experiência das suas mãos. Há mais de setenta anos que José Maria Gonçalves, morgado da casa do Gaio, cuida dos ossos e dos músculos da gente humilde, da gente simples, da gente crédula que o procura. Mais do que um «endireita» (que profissionalmente, nunca foi), é um símbolo. Um símbolo da alma de um povo que, abandonado pelo «progresso» à sua sorte, teve de encontrar na fé o alimento permanente da sua «ciência» de todas as horas. José Gaio ofereceu-lhe, com as suas mãos (que continuam tão macias como sempre foram), um dom «recebido de Deus» — e o povo acreditou que, daquelas mãos, podia esperar todos os milagres. E quantos verdadeiros milagres elas não têm feito?...**



Brufe (o lugar principal da freguesia com o mesmo nome) é uma das aldeias mais isoladas do concelho de Terras de Bouro. Sobranceira ao vale do Homem, espregueira discretamente o Gerês e a Amarela e deita um olhar furtivo, ruído de saudades, à baragem de Vilarinho. As casas do antigo povoado (a mais recente foi construída em 1931) contam-se pelos dedos das duas mãos — assim como as famílias que ainda nelas se abrigam, seis ou sete. Pelas ruelas da aldeia já não correm crianças. Há muito que os novos casais deixaram de se estabelecer em Brufe. Toda a gente, mais tarde ou mais cedo, parte. Uns do isolamento em que nasceram, os restantes, da própria vida. Ficam apenas os que vão sobrando, os velhos — cada vez em menor número. E ficam as casas, as cortes, as sequeiras, os canastos — o mais belo museu de granito da região. E fica memória de um cem número de tradições, que o tempo ainda não conseguiu apagar. E fica o extraordinário exemplo de um homem que ofereceu as suas mãos aos vizinhos e a um povo inteiro — a troco, quase apenas, da amizade e da gratidão. José Maria Gonçalves, de seu nome. O Gaio, como todos o conhecem. Numa manhã tranquila de Março, fomos visitá-lo ao seu recolhimento: afinal, uma pequena praça de Brufe, onde passa os seus dias vendo quem chega e quem passa, junto às casas que lhe dizem que os Gaios estão a chegar ao fim de uma longa jornada...

Senta-se tranquilamente na mesma pedra à porta de casa, compõe discretamente sobre a ampla testa o velho chapéu e adere sem o

mínimo sinal de enfado ao desafio da conversa. Ainda lá estaríamos hoje a conversar, na mesma estranha, quanto mágica quietude, se o tempo para os que chegam de fora fosse infinito como o tempo dos que nunca partiram...

«Nasci, lembra-me bem, ainda me lembra de nascer...» e, num sorriso ainda gaiato, recorda uma vez mais que veio a este mundo no dia 26 de Janeiro de 1900. Conta chegar, pois claro, ao ano 2000, julga-se com saúde e força para tanto. Só o joelho o apoquentava, já mal pode andar. «Do resto, estou bô, estou são». Da cabeça e das mãos. Lembra-se de tudo, de uma vida inteira, com a sábia clarividência de quem não procura grandes explicações para os factos elementares da existência. Nasceu ali mesmo, na casa onde sempre viveu (já lá vão noventa e dois anos, quase um século) — a velha casa dos Gaios. Já o pai nascera ali e, quem sabe, quantas mais gerações para trás. Irmãos eram seis, três rapazes e outras tantas raparigas. Sobram dois — ele, o primogénito, e a D. Ana, nove anos mais nova, que lhe faz companhia. Está viúvo há quatro anos da «lavradeira de Vergaço» com quem casou. Filhos — não teve. Não transpira das suas palavras a mínima emoção, o mínimo queixume. Tudo na sua já longa existência foi natural — o destino assim o quis, o destino o fez. José Gaio não se queixa da sorte ou da falta dela. Agradece apenas a Deus tê-lo dotado com aquelas mãos, que a tantos e tantos puderam servir.

1900 — naquele tempo, «ia-se a pé daqui pra Covas ou pra Braga até», que os caminhos eram fracos. A

principal riqueza das gentes eram o milho e os animais. «Ia-se a Covas com umas rasas de milho à cabeça pra vender e trazer o que fazia falta, a mercearia e tudo o mais...» Fazia-se algum contrabando — os ovos e as galinhas iam para Espanha, que ficava ali, à distância de uma noite bem calcorreada pela serra. As expedições faziam-se em grupo, com os rapazes atentos às insónias da Guarda. Era preciso levar os olhos bem abertos, porque a Guarda, se apanhava os contrabandistas, apreendia tudo, homens e fazenda, o prejuízo era mais farto que o ganho eventual do negócio.

joelho. A memóra dos Gaios remonta ainda vagamente a um tempo mais recuado em que os homens e as mulheres de Brufe vestiam, a rigor, à moda de Brufe (pois então!): eles de calção, colete, casacão e barrete; elas com vara e meia de pano traçado à cintura — tudo feito dessa lã grossa em que a água não entrava. Outros tempos, que os últimos Gaios já não chegaram a conhecer...

Com caminhos tão fracos, com dias tão maus, ir à escola era uma aventura. Gilbarbedo ficava a uma hora a pé de Brufe. A escola era para os rapazes — e para os de mais rija tempera. Para enfrentar o frio e

blema de tabuada — a ou-sadia custou-lhe uma «chicotada com uma cana», que quase o ia levando, em revolta e protesto, a abandonar para sempre a escola. Reconhece que só na quarta classe abriu os olhos e aprendeu verdadeiramente alguma coisa — quando, finalmente, pôde estudar em Brufe, numa escola improvisada que, por sinal, só funcionaria nesse mesmo ano. Depois o professor mudou-se para Cutelo — e a escola foi com ele. Pelos vistos, ao tempo, contrabandeavam-se galinhas e salas de aula. E os meninos de Brufe lá voltaram à estrada, para mendigar a aprendizagem das primeiras letras. Hoje, nem meninos há...

Obtido o diploma da 4.ª classe, José Gaio casou definitivamente com o destino de todos os seus — a agricultura e a pastorícia. Para as distrações da mocidade, não havia tempo. De vez em quando, lá sobrava algum para as montarias — às corças e aos porcos-bravos. Mas a caça era um recreio — e ao primogénito da casa dos Gaios competia cuidar da fazenda e olhar pelos irmãos mais novos, as responsabilidades do morgadio não lhe consentiam devaneios. «Tinha-mos muita terra, tínhamos e têmo-la ainda aí — mas não vale nada, porque já não há quem a trabalhe...»

Noventa e dois anos na mesma casa na mesma terra, a ler as horas incertas no mesmo relógio de sol. José Gaio levanta a voz para dizer, com orgulho, que nunca saiu de Brufe, nunca desertou, resistiu a todas as tentações de fuga, até da tropa o pai o livrou. Foi algumas vezes a Braga, outras tantas a Lovios, do

outro lado da fronteira. Ao Porto foi apenas uma vez e não tem saudades do que viu — «casas muito altas e muito costeiras às estradas». A Lisboa nunca foi — «Qual Lisboa, qual quê!...». O universo de José Gaio cabe todo na íris celta dos seus olhos — é um traço leve no horizonte...

Foi aos dezoito anos (poucos meses depois das aparições de Fátima) que José Gaio descobriu, num mero acaso, o dom que viria a transformar toda a sua vida. Já não se lembra muito bem dos pormenores. Lembra-se, vagamente, de que um vizinho (aliás, já falecido) tivera um precalço qualquer, salvo erro, torcera um pé. Vendo-o pesaroso, José Gaio teve uma inspiração: «amostra cá isso». E em tão boa hora o fez, que o milagre aconteceu — «dei-lhe um jeito ao pé e ele encanou. Por isso é que eu digo que foi uma força de Deus...». Milagre ou não, estava feito um «endireita». O povo de Brufe e das redondezas já não quis saber de mais nada — num ápice, transformou a casa dos Gaios num centro de peregrinação. E a sua fé ingénua proclamou, por montes e vales, que não havia na região mãos mais sábias e macias que as do jovem Zé... A confiança cega do povo estimulou-o a continuar. Até hoje...

Já perdeu a conta a quantos milhares de portugueses e espanhóis ajudou a «encanar» ossos rebeldes. Nenhum ficou aleijado, faz questão de sublinhar. «Às vezes, podiam ficar um bocadinho defeituosos, mas sempre a andar...» Não empatou a vida a ninguém. E, curiosamente, nunca leu um livro da especialidade — «Eu é que fiz o livro»...

Continua na página 7



Este relógio de sol sinaliza a velha casa dos Gaios, em Brufe. Só em Março de Setembro, dá as horas certas. O defeito não está no sol, nem no granito...

O clima era duro, bem mais duro do que hoje. A roupa de burel, preparada pelas mulheres da aldeia, ajudava a vencer o frio e a chuva. Era um pano duro: «nele não entrava a água e se um home desse uma porrada, ainda custava a magoar». As polainas de burel subiam bem acima do

a chuva e as vergastadas do primeiro professor («um padre sacudido») — os miúdos precisavam de ser dotados de uma vontade de ferro. Nem todos a tinham, mesmo os Gaios. Nos primeiros anos, confessa, «poucos dias fui à escola». Um dia cismou que queria ser ele a resolver um pro-

## CARTÓRIO NOTARIAL DE VIEIRA DO MINHO

### MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

#### JUSTIFICAÇÃO

Certifico para efeitos de publicação que, em 20 de Abril de 1992, desde folhas 61 a 62 v.º do livro de Escrituras Diversas n.º 120-B, deste Cartório, foi outorgada uma escritura de Justificação Notarial, pela qual **Paulo Manuel Afonso** e mulher **Maria de Fátima de Carvalho**, contribuintes números 138774757 e 136349870, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar do Campo, freguesia de Campo do Gerês, concelho de Terras de Bouro, declararam que são com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do prédio denominado «**Corte de Rês de Chão**», sito no lugar do Campo, freguesia de Campo do Gerês, concelho de Terras de Bouro, com a área de sessenta e sete metros quadrados, a confrontar do norte com Maria de Jesus Dias Cerqueira, sul com Paulo Manuel Afonso, nascente com caminho público e do poente com Frutuoso Alexandre Martins, omisso na Conservatória do Registo Predial do concelho de Terras de Bouro e omisso à respectiva matriz, tendo sido apresentada a participação para a sua inscrição no dia vinte e um de Fevereiro deste ano, ao qual atribuem o valor de trinta mil escudos.

Que este prédio se encontra participado à respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que este prédio foi por eles adquirido por contrato verbal de compra e venda a Armindo Dias e mulher Maria do Sameiro Carneiro Lima, por volta do ano de mil novecentos e setenta, residentes que são na freguesia de Campo do Gerês, referida, sem que alguma vez tenham formalizado o referido contrato a escritura pública, dada a confiança mútua entre eles existente.

Assim, há mais de vinte anos, de forma pacífica, pública, contínua e ininterruptamente, sem oposição de ninguém, convencidos de terem o direito de propriedade, e assim, o julgando as demais pessoas, têm vindo a praticar sobre aquele prédio actos materiais de posse, tais como habitando-o e fazendo nele as obras necessárias, pelo que o adquiriram por Usucapião que invocam para efeitos de registo, não tendo, assim, documento que lhes permita fazer prova da aquisição pelos meios extra-judiciais normais.

Está conforme o original.

Cartório Notarial de Vieira do Minho, 20/Abril/1992

O Esc. Superior  
(Alexandre José Cruzinha da Costa)

## JORGE GONÇALVES SEGUROS

### ESCRITÓRIOS:

EXPOSTO COMERCIAL - LOJA 8, R/C  
FERREIROS — 4720 AMARES  
TELEFONE 993275



## FUNERÁRIA SANTA MARIA

### Agência funerária Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.  
Funerais e Translações para todo o País.  
Coroas e Palmas em flores naturais.  
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

# Insucesso da escola

Se não são os alunos que escolhem o que aprender, se não são eles que ensinam, se há insucesso escolar, e há enorme, a culpa não é dos alunos mas da escola.

Tudo começa para mal, nos chamados 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico que, antigamente, se chamava Instrução Primária.

#### ANTIGAMENTE

Quando a escola era repressiva — e era — aprendia-se muitas coisas. Principalmente a ler e interpretar razoavelmente, a escrever com poucos erros e a executar as quatro operações elementares porque se sabia, bem, a tabuada. Os professores e professoras faziam cavalo de batalha em tudo isto até porque o 'exame oficial seria para avaliar a sua competência e eficácia.

Quando acabaram com o exame de Instrução Primária e decretaram a Escola Livre, instalou-se a Escola permissiva e irresponsável.

Antigamente os alunos tinham medo dos professores (quasi sempre com razão) agora são os professores que têm medo dos alunos. Como os professores não gostam de se confrontar com a situação de «terem medo dos alunos» adoptam o método do «deixa andar» e os alunos chegam ao 3.º ciclo do Ensino Básico, ainda conhecido por Ciclo Preparatório, sem saberem ler, escrevendo com imensos erros, não sabendo a tabuada e, por isso, não sabendo fazer contas, as mais elementares.

Os alunos levam os erros de ortografia e a dificuldade de fazer contas, mesmo simples, até à morte.

Alguém disse que no início das relações entre duas pessoas adultas deve estar presente afecto e firmeza de ambas as partes. É esta atitude, fundamental, que os professores — todos! — devem ter para com os seus alunos:

afecto e firmeza. Nem indiferença e brutalidade, nem pieguice e «bandalheira».

#### PONTO DA SITUAÇÃO

**A tabuada.** Na aprendizagem da Matemática no 3.º ciclo do Ensino Básico o uso da máquina de calcular não é prático. As operações a resolver, como as expressões numéricas e as operações com números fraccionários, normalmente, têm um dígito e, por isso, só o saber imediato da tabuada é eficaz.

Às vezes não se sabe o erro é devido a desconhecimento das regras se da tabuada. E, nesta fase, é o conhecimento das regras que interessa.

Perante os benefícios há que considerar um investimento extremamente importante e rentável a aprendizagem da tabuada nos 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico.

**A escrita.** Outro desastre. Um caos.

Com a mania da liberdade (mal entendida) deixa-se o aluno «pegar» na caneta como quer e fazer a letra que bem entende. A consequência é o caos gráfico que se recebe no 3.º ciclo, onde já não se pode fazer nada. Já há muitos anos que se assentou no tipo de letra e na maneira de empunhar a caneta mais «económicas» para o escrevente.

A dificuldade está no esforço de disciplina inicial. Depois de apanhar o «jeito» tudo se torna fácil. (Não tenho experiência mas julgo que valia a pena tentar o método com os esquerducos).

Depois de, em quatro anos, aprenderem a escrever com caligrafia «económica» e «legível», ficavam com a vida toda para «escangalhar» a letra e tornar a vida fácil aos grafólogos.

Escusado será dizer que me refiro à caligrafia onde as chamadas letras maiúsculas se escrevem entre duas paralelas e as ditas minúsculas

entre três paralelas ex: quem tiver dúvidas pode ir à Livraria Cruz que, há uns tempos, ainda tinha uns cadernos de escrever essa letra.

O modo de empunhar a caneta é extremamente importante para maior liberdade dos dedos e do punho. Segura-se a caneta com o polegar e o médio, posicionando-se o indicador ao longo da caneta, tanto quanto possível.

**A ortografia.** Obviamente é por «audição» que o aluno aprende a escrever correctamente, decorando palavra a palavra. Contudo seria enriquecedor (no 4.º ano), até para os menos dotados, saberem que as palavras têm vida e são compostas por partes significativas. Pelo menos a noção de raiz, prefixo e sufixo. E não fazia mal nenhum dar uma notícia, mesmo breve de que o Português é originário do Latim com forte presença grega e significativa árabe.

**O desenho.** A tática de pôr os alunos a fazer desenho livre a cores, por na altura ao professor não lhe apetecer trabalhar, não serve.

Além de desenho livre deve treinar-se o desenho de objectos propostos (simples) com o objectivo de o aluno aprender a «mandar» na mão. Já se sabe que é necessário dar noções elementares de perspectiva.

#### PROFESSORES PRIMÁRIOS

Um problema muito sério se põe aos professores primários. A população que recebem pode dividir-se em cinco grupos: deficientes físicos e mentais de vários tipos, deficientes sociais de difícil integração (faltam imenso, quando não abandonam a Escola e, nunca têm aproveitamento escolar — futuros delinquentes) e os três grupos de «normais» que se poderá agrupar em: com capacidade de compreensão abaixo da média, na

média e acima da média.

Estes três grupos perfeitamente identificáveis pelo professor (poderá haver um ou outro erro) deviam seguir a sua formação em três escolas diferentes, com objectivos diferenciados. É evidente que no curriculum para os menos dotados intelectualmente a componente manual devia ser máxima e para os mais dotados a componente manual seria menor mas existente e exigente.

Claro que os dois grupos marginais (deficientes físicos e mentais e deficientes marginais) deviam ter um tratamento especial mas, aqui, nada diremos.

É muito difícil este trabalho que se pede às professoras primárias: formar e seleccionar.

Se se chegar a considerar útil o exame de final do 2.º ciclo, este deve ter as dificuldades criteriosamente escalonadas em três grupos.

Que as professoras primárias fazem este trabalho não tenho dúvidas nenhuma. Mas onde estão as escolas e, principalmente, o curriculum para dar seguimento a esta necessidade fulcral?

**Nota:** Tudo isto pode parecer manifestação de saudades do antigamente — mas não é. A escola antiga tinha como principal factor negativo a não consideração da liberdade e criatividade dos alunos. Contudo, apesar de violenta, era eficaz no ensino das necessárias habilidades já focadas. E como havia exame, uns passavam e outros chumbavam e o Estado, como sempre, lavava as mãos. O dinheiro dos contribuintes não deve ser para fazer obras de fachada e dar benesses aos apaziguados. Deve ser para investir na educação e formação dos portugueses de modo a eles serem felizes quanto possível.

ORLANDO BARROS  
(Em «Semanário Minho»,  
17.4.92)

## CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE AMARES

### «DESIBEL — COMÉRCIO DE MÓVEIS, LDA.»

N.º de Martícula 00190  
N.º de Ident. de Pes. Col. 502 205 032  
N.º de Inscrição 3 e 4  
N.º e Data de Apresentação 2 e 5  
92/Abril/28

#### ARTIGO 5.º

O capital social está dividido em duas quotas, sendo uma de trezentos e oitenta mil escudos pertencente ao sócio Décio José Antunes da Silva e outra de vinte mil escudos pertencente à sócia Glória da Silva Antunes.

#### ARTIGO 7.º (Corpo)

A gerência e administração da sociedade, e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, e remunerado ou não conforme for deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios, já nomeados gerentes, com dispensa de caução.

O Texto completo do contrato na sua redacção actualizada ficou depositado na pasta respectiva.

Conservatória do Registo Comercial de Amares, aos 5 dias do mês de Maio de 1992.

A 2.ª Ajudante,  
(Maria Fernanda Oliveira Costa Pires da Silva)

Maria Fernanda Oliveira Costa Pires da Silva, 2.ª Ajudante, **Certifica**, que o teor da inscrição n.º 3 e 4; da sociedade em epígrafe é o seguinte:

Inscrição n.º 3-Ap/02-920428 — Nomeação da sócia Glória da Silva Antunes, como gerente e alteração do contrato da sociedade quanto aos artigos 3.º, 5.º e corpo do Artigo 7.º, os quais ficaram com a seguinte redacção:

#### ARTIGO 3.º

A sede situa-se no lugar da Ferraria, da freguesia de Bouro (Santa Maria) do concelho de Amares, podendo ser mudada para qualquer outro local dentro do mesmo concelho ou concelho limítrofes, por simples deliberação da gerência.

JOSÉ GAIO AO «SINAL»:

# O livro fui eu que o fiz...

**Continuação da pág. 5**

Ao fim de noventa e dois anos, a sua principal riqueza é o respeito, a quase veneração que todos lhe dedicam. Dinheiro, já não lhe dá cuidado — «para que é que eu quero o dinheiro?» pergunta, sorrindo. Já lhe ofereceram milhares de contos pelos espantosos canastos de pedra que são o verdadeiro ex-libris monumental de Brufe, construídos pelos seus antepassados — acolhe as propostas com indiferença. Das casas que herdou dos Gaios, prefere viver na mais antiga e modesta. «Temos casas boas (observe do lado a irmã, D. Ana), mas ele prefere continuar a viver na corte!».

Mágoas, por assim dizer, tem apenas uma: «já não há quem queira trabalhar». «Nós temos por aí muito terreno, mas está todo a monte. Tínhamos sete a

oito vacas, tínhamos uma burra, tínhamos para aí umas cem cabras, tínhamos sempre oito a dez pessoas a trabalhar connosco. Agora, estamos para aqui dois velhos e mais nada — acabou-se tudo. Nem vacas, nem burra, nem cabras. E praticamente, já nem seimamos...»

José Maria Gonçalves, noventa e dois anos. Sobre a velha casa dos Gaios, já nem o relógio de sol, habitualmente, dá as horas certas. «O Sol não mudou, a hora dos homens é que está sempre a mudar». Assim, só em Março e em Setembro é que, em Brufe, no relógio dos Gaios, a hora do sol coincide com a hora dos homens.

Tristes homens — que até ao Sol querem trocar as voltas...

AFS (Em «O Sinal», n.º 9)



D. Ana Gonçalves, 82 anos, a única irmã viva de José Gaio. É hoje a companheira e principal confidente do homem das mãos milagreiras.



Foi sem dúvida uma experiência muito interessante — conversamos durante duas horas com uma das mais conhecidas e admiradas personalidades locais. Quase a perfazer um século de existência (nasceu ainda no tempo do rei D. Manuel II), o Sr. José é uma testemunha preciosa de muito do que se passou na nossa região desde 1900. As histórias e aventuras que ele nos contou são extremamente elucidativas do modo como as pessoas viviam, como se vestiam, como se alimentavam, o que faziam há muitos anos atrás. E por tudo aquilo que ele nos transmitiu, sempre vos dizemos que, noutros tempos, a população de Brufe calçava-se e vestia-se de uma forma originalíssima. O próprio Sr. José ainda se lembrava de ter andado muitas vezes de socos tapados e de polainas de burel.

Disse-nos também que, antigamente, era raro o, ele próprio, ir para a serra com as reses — quem costumava ir com elas eram os cinco irmãos (dos quais já só está viva a D. Ana, com quem vive presentemente), já que, como mais velho, competia-lhe ficar na aldeia a ajudar os pais na lavoura, a trabalhar de carpinteiro, a fazer, enfim, todos os trabalhos domésticos que eram necessários.

Certo dia, um vizinho do Sr. José (tinha ele, então, os seus 18 anos) caiu e fez um entorce. O Sr. José quis ver o entorce e ofereceu-se logo para dar um jeito ao pé magoado. E com tanta perícia o fez que conseguiu endireitar o pé do vizinho. Foi o suficiente para o Sr. José ganhar, rapidamente, fama de «endireita», não só na área do concelho, mas em toda a região norte.

Com noventa e dois anos de idade, o Sr. José nunca foi à capital e mesmo ao Porto só foi uma vez. Antigamente, ainda, ia, de vez em quando, a Espanha — para ajudar a «endireitar» os ossos dos vizinhos do lado de lá da fronteira que os partiam ou torciam. Agora já não sai nunca da aldeia que o viu nascer e onde sempre viveu. Quem quiser a ajuda das suas mãos milagreiras, tem de o procurar em Brufe.

Anda com dificuldade, mas mantém-se ainda invejavelmente lúcido e saudável. Tivesse ele vivido no meio da cidade — e já não seria vivo, com toda a certeza. A cidade mata depressa as pessoas — por fora e por dentro...

Obrigadas, Sr. José — pelo exemplo da sua vida!

Lina Gomes, Elsa Oliveira, Florbela Araújo  
(pela mesma ordem como estamos na fotografia, da esquerda para a direita)

## EM POUCAS LINHAS

### Problemas auditivos afectam 10% dos portugueses

O Ministério da Saúde está a estudar a viabilização de um programa nacional de audiolingüística, que permita elaborar o diagnóstico precoce e o tratamento da surdez neo-natal ou infantil, anunciou o Secretário de Estado da Saúde.

José Martins Nunes, que falava na sessão de abertura do «XXIX Conventus da Societas Oto-Rhino-Laringologica Latina», acrescentou que, na área estritamente audiológica, está estimado que cerca de 10 por cento da população portuguesa apresenta alguma forma de surdez ou dano audiológico, «o que pretende significar o crescente impacte social deste sector da medicina».

O Secretário de Estado da Saúde salientou que o seu Ministério apoia e incentiva todas as formas inovadoras de terapêutica, bem como a investigação em áreas específicas, tais como na oncologia médica, «na convicção de que daí resultam benefícios para a comunidade».

O responsável da saúde disse que a patologia nasosinusal tem tido uma importância crescente nos nossos dias, pela cada vez mais facilitada intervenção diagnóstica e terapêutica, numa altura em que o progresso no conhecimento da imunologia e o acesso a terapêuticas cada vez mais eficazes contribuem para um maior sucesso no tratamento destes doentes.

Martins Nunes alertou ainda para a importância de uma maior consciencialização da população para os malefícios do tabaco, que poderá fazer diminuir o aparecimento de novos casos de tumores da laringe.

### Exames de condução: mais fácil o recurso à prova oral

Um despacho da Direcção-Geral de Viação, publicado no «Diário da República», determina que serão admitidos às provas de teoria de condução os examinandos que respondam acertadamente a, pelo menos, 19 questões.

Geralmente, os candidatos à carta de condução fazem apenas uma prova escrita mas, tendo em conta principalmente os cidadãos que dominam mal a escrita, existe a hipótese de uma prova oral, pedida pelo aluno.

Anteriormente esse pedido só podia ser feito após três reprovações nos exames escritos, mas ultimamente pode ser apresentado depois de um só «chumbo» nas escritas.

## AMARES

### Câmara homenageia Gualdino Meneses

A Câmara Municipal de Amares aprovou em 23 de Abril um voto de pesar pela morte inesperada de António Gualdino dos Santos Meneses, que foi presidente da Assembleia Municipal.

Deliberou, a título póstumo, atribuir-lhe a medalha de maior valor que a Câmara aprove e ligar o seu nome a toponímia do Concelho, em rua a designar.

Manuel Leitão Ferreira foi isento do pagamento da taxa de ligação de água ao domicílio e do respectivo ramal, pelo facto de ser deficiente físico e não possuir os meios económicos que lhe permitam suportar aquelas despesas.

O executivo tratou também do empréstimo a conseguir para segunda fase da obra dos Paços do Concelho.

Tomé Macedo questionou a Presidência sobre facturas das contas de representações e sobre os gastos efectuados nos jardins públicos.

LEIA

ASSINE

E DIVULGUE

A VOZ DA ABADIA

Pensão  
*UNIVERSAL*

ABERTA TODO O ANO

Restaurante

EM

TERMAS

DE CALDELAS

Telefones 36236 / 36286

4720 AMARES

EM POUCAS LINHAS

**Alteração no valor de 89 mil contos aprovada na Câmara Municipal de Terras de Bouro**

A Câmara de Terras de Bouro aprovou em 9 de Abril a sua primeira alteração ao Plano e Orçamento para 1992, no valor aproximado de 89 mil contos.

A alteração foi decidida por unanimidade.

A Câmara aprovou, na mesma altura, a atribuição de diversos subsídios, contemplando as associações de Estudantes C+S de Vieira e de Terras de Bouro, o Grupo Desportivo do Gerês e a Associação Desportiva e Recreativa de Carvalheira.

Noutro capítulo, a Câmara de Terras de Bouro deu luz verde a obras em caminhos de Valdozende, Brufe e Balança, tendo sido adiada para outra sessão a decisão sobre um *memorandum* apresentado pelo Centro Social de Rio Caldo.

O Centro pediu à edilidade participação na reparação das suas instalações, cujos custos atingem, presentemente, os mil e quinhentos contos.

**Ruídos nos locais de trabalho com multas de 20 a 500 contos**

Um Decreto-Lei, publicado no «Diário da República», prevê multas de vinte a quinhentos contos por infracções relacionadas com níveis elevados de ruído nos locais de trabalho, implicando riscos para a saúde e segurança dos trabalhadores.

O diploma do Ministério do Emprego e da Segurança Social considera que a diminuição desses riscos, designadamente a perda de audição, e consegue pela limitação das exposições do ruído, sem prejuízo das disposições aplicáveis à limitação da emissão sonora.

A nova lei aplica-se a todas as empresas, estabelecimentos e serviços, incluindo a Administração Pública.

As multas serão da competência da Inspeção-Geral de Trabalho, das autoridades de saúde, revertendo metade do seu produto para o fundo de garantia e actualização de pensões, sendo o restante para a entidade que as aplique.

**Recruta dura cinco semanas**

O Governo fixou em cinco semanas a duração da preparação militar geral, em todos os ramos das Forças Armadas e para oficiais, sargentos e praças.

De acordo com a Portaria 362-A/92, publicada no Suplemento do Diário da República de 24 de Abril, a Recruta para os militares em frequência de cursos de formação, para ingresso nos quadros permanentes, é estabelecida nos respectivos regulamentos escolares.

**Mortalidade infantil no Norte sofreu uma pequena descida**

A taxa de mortalidade infantil no Norte desceu de 14,8 em 1988, para 12,5 em 1991.

Estes dados provisórios foram divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), que indicam que Portugal tem a maior taxa da CEE (10,8), embora a descida registada na última década permita prever uma maior aproximação dos valores médios da Comunidade nos próximos anos.

Os mesmos dados indicam que a taxa de mortalidade infantil desceu de 77,5 por cento em 1960 e 55,5 por cento em 1970, para 24,3 por cento em 1980, 10,9 por cento em 1990 e 10,8 por cento em 1991.

Em termos europeus, a média foi de 34,8 em 1960, 24 por cento em 1970, 12,6 por cento em 1980 e 7,7 por cento em 1990.

Os dados revelam ter sido Portugal o país onde, em termos percentuais, se registou uma maior descida entre 1980 e 1990 (— 55,1 por cento).

A taxa de mortalidade infantil, relação entre o número de óbitos de crianças com menos de um ano e o número de nados-vivos, é um indicador das condições de vida das populações.

Tanto no Continente como nas ilhas, a decomposição da taxa de mortalidade infantil nas suas duas componentes — mortalidade neonatal (óbitos de crianças com menos de 28 dias) e pós-neonatal (óbitos de crianças com mais de 28 dias e menos de um ano), mostra decréscimos significativos ao longo dos anos 80.

Estes decréscimos são visíveis principalmente no que respeita à mortalidade pós-neonatal que, entre 1980 e 1990 desceu 54% no Continente, 56% na Região Autónoma da Madeira e 73% na Região Autónoma dos Açores.

Segundo o INE, o seu peso relativo destas duas componentes no total da taxa de mortalidade não sofreu alterações significativas no continente da Madeira.

AMARES

**Centristas e Socialistas fazem balanço à gestão da Câmara Municipal**

Centristas e Socialistas fazem balanço à gestão da Câmara Municipal.

As concelhias do PS e CDS em Amares fizeram um balanço à gestão da Câmara Municipal.

Num comunicado conjunto, as duas forças sublinharam o clima de estabilidade e entendimento de ambas as partes no Governo da autarquia.

As duas forças partidárias falaram, entretanto, dos objectivos e estratégias de actuação, com vista ao cumprimento do Plano de Actividades da Câmara Municipal.

Neste contexto, foi saudado o desbloquear do problema do cemitério, cujo alargamento se torna agora possível, depois de vários anos de polémica.

No capítulo das obras candidatas aos fundos comunitários, centristas e socialistas manifestam grande preocupação pela suspensão imposta pelo Governo Central, no que diz respeito à aprovação de novas candidaturas.

As duas comissões políticas reconheceram, por isso, a necessidade do recurso ao crédito bancário, para a conclusão de uma série de obras essenciais ao desenvolvimento do concelho de Amares.

Assim, são apontados, como exemplos, a 2.ª Fase da Via de Cintura às freguesias de Ferreiros e Amares, duas estradas

municipais em Lago, e 2.ª Fase da Estrada Paredes Secas-Vilela, que vai tirar do isolamento as freguesias de Vilela e São Paio de Seramil.

Ainda no capítulo da rede viária mencionam-se outras obras prioritárias, nomeadamente, a construção de uma estrada na freguesia de Paranhos, de modo a permitir o acesso ao lugar de Covas.

No sector do abastecimento de água, a Câmara de Amares, gerida pelo PS e CDS, considera importante a construção de dois reservatórios e respectivas condutas, aliás, já em fase de conclusão.

Brevemente, será lançada a concurso a ETAR de Ferreiros.

A construção dos Paços do Concelho decorre em ritmo acelerado, tendo em vista a sua conclusão em Outubro/Novembro deste ano.

No plano de actividades, salienta-se ainda a mudança da Feira Semanal para o novo loteamento da Quinta do Paço, em Ferreiros, loteamento esté que conta com 400 novas habitações.

Neste mesmo loteamento, a Câmara Municipal de Amares rotula ainda de prioritária a construção da Casa da Cultura, bem como da Biblioteca Municipal.

PONTE DA BARCA

**Piscina Municipal coberta vai custar 50 mil contos**

Ponte da Barca vai ter em breve uma piscina municipal, informou o responsável pelo pelouro da Educação, Desportos e Tempos Livres, António Araújo.

Os custos do empreendimento ascendem a cerca de 50 mil contos, comparticipados conjuntamente pela Autarquia barquense (30%) e pelo programa comunitário PRODEP (70%).

O novo complexo desportivo fica implantado nos terrenos anexos à Escola Secundária de Ponte da Barca.

Entretanto, está a ser estudada a reformulação do projecto inicial, cujas dimensões se consideram exíguas face às exigências do momento.

As alterações a introduzir situam-se ao nível da valorização dos espaços interiores, designadamente ao que diz respeito ao seu comprimento e infraestruturas de apoio aos participantes.

Pretende-se com isso, valorizar as infraestruturas do empreendimento, por forma a dotá-lo do estatuto de piscina mini-olímpica.

POLIDESPORTO

No que se refere aos polidesportivos (7), que a Câmara Municipal de Ponte da Barca tem programado construir, o impasse continua.

Projectados segundo as normas da Direcção-Geral de Desportos e aprovados pelos seus responsáveis, os projectos, ao que tudo indica, parecem estar condenados ao enrequecimento no fundo das gavetas do Ministério da Educação.

Com efeito, os projectos

que se encontram há mais de um ano no ME continuam à espera do parecer favorável do Ministro, sem o qual não será possível iniciar as obras.

Para o responsável do pelouro da educação da autarquia barquense não há razões para que o ME continue a protelar uma decisão sobre a matéria. Nem mesmo as mudanças que ultimamente se têm verificado naquela estrutura governativa o justificam disse António Araújo.

**A FECHAR**

**A TVI não é Televisão da Igreja**

O facto de a TVI ter ganho o concurso para um dos canais de televisão privada deu aso aos mais díspares e disparatados comentários.

Primeiro, teima-se em chamar à TVI televisão da Igreja, o que não corresponde à verdade. A Igreja não concorreu a nenhum canal de televisão. A sigla TVI é formada, tão só por letras das palavras Televisão Independente e nada mais.

Designa uma sociedade constituída por entidades ligadas à Igreja Católica e propõe-se agir segundo critérios cristãos, qualificando até o seu projecto como o de uma televisão de inspiração cristã. Os responsáveis nunca esconderam isso, mas não é legítimo que se diga ser da Igreja uma sociedade constituída por pessoas ligadas à Igreja. Se assim fosse também poderiam dizer que a SIC é a televisão do PSD, dadas as ligações conhecidas entre o Dr. Pinto Balsemão e a social-democracia. Ninguém o afirmou e seria abuso dizê-lo. Mas o que é abuso num caso também o é no outro. Que haja rigor e precisão de termos em relação a todos, e não apenas para alguns.

Mas o que vejo por detrás de coisas que se disseram e escreveram a propósito da TVI é todo um esforço por se encerrar os católicos no templo ou, quando muito, também na sacristia. É

o propósito de amordaçar a Igreja, de a silenciar, de lhe cercear a liberdade de expressão, de a impedir de se pronunciar sobre os problemas do homem de hoje.

O que se disse e escreveu, em minha opinião, denuncia medo da mensagem da Igreja e da denúncia profética que a mesma faz de uma sociedade materialista e consumista onde o bem do homem — de todo o homem e do homem todo — é muitas vezes posto em segundo plano. Onde o homem, em vez de ser servido, é usado.

Fala-se muito em liberdade, igualdade e fraternidade — valores que a Revolução Francesa não inventou porque são cristãos — mas na prática pretende-se que aqueles valores apenas sejam para os que pensam de harmonia com uns tantos que se consideram donos da Comunicação Social. Só eles é que pensam, só eles é que têm opiniões válidas, só eles é que têm legitimidade para se exprimirem, só os problemas que eles levantam é que devem ser debatidos, só à luz das ideias deles é que os problemas devem ser analisados. Os que não estiverem de acordo, que ouçam e calem.

Que bonita liberdade! Que democracia de funil!